

arrastam tudo na quéda e quebram uma porção de outras arvores. Imaginando mais a escuridão completa, interrompida apenas pelos relampagos, e a trovoadá a roncá incessantemente, impedindo o ouvido de escutar o barulho das arvores que cahiam e verdadeiras cataratas de chuva a se despejarem das nuvens, fazendo crescer num momento os riachos e os correjos, tem-se a situação perigosa e difficil da permanencia na matta durante uma tempestade.

Foi, pois, uma tempestade destas que me obrigou a pedir abrigo entre os meus amigos indios. Acompanhado do menino *Coropó*, cheguei ás cabanas totalmente molhado porque, além da chuva, tive de atavesar a váo varios correjos engrossados de modo a chegar-me a agua at ao peito. O primeiro cuidado naturalmente foi o de tirar a minha roupa ensopada, porém, com que havia eu de cobrir-me, pois nehumá camisa existia na cabana? Os indios estavam todos nus e zombavam do meu embaraço até que uma india, de cerca de 16 annos, compadeceu-se e por mimica offereceu a sua tanga, unico vestuario que possuia. Como era natural recusei, visto que todas as mulheres presentes conservavam as suas tangas e só me restava unir-me áquella sociedade nua ao redor do fogo. Mas por muito tempo continuava eu objecto de sua curiosidade por ser a minha pelle differente da delles. Percebendo isso, e na supposição de que nunca tinham visto europeos nus, aproveitei-me desta curiosidade em meu favor porque, conhecendo o seu odio aos portuguezes, fiz o meu *Coropó*, que entendia a lingua delles, contar-lhes que eu não era portuguez, mas sim de uma grante nação que existia para o Norte. Deste momento em diante crescia a sua confiança que eu, alás, já tinha procurado ganhar com pequenos presentes. A mais velha das mulheres recebeu então ordem — provavelmente do marido, que parecia da mesma idade — de cosinbar um pouco de milho para mim, mas, como não havia milho no cabana, nem lenha, oppuz-me a esta generosidade, porque a trovoadá ainda roncava e a chuva ameaçava-nos com outro diluvio. Mas nada adiantei. A pobre mulher teve de sahir e sómente depois de uma bôa meia hora voltou com a lenha, agua e milho. Este ultimo ainda não estava maduro, o que entretanto não importa, porque os indios só comiam milho verde feito mingáu. Regalei depois os meus hospedes com um pouco de agua-ardente que tinha commigo, o que muito lhes agradou, pois, esta bebida tem para elles um valor inestimavel e torna-se facilmente o idolo ao qual sacrificam o ganho de suas caçadas e de seu trabalho. Felizmente a minha provisão, desta vez, chegava apenas para dar-lhes um pouco de alegria, sentimento este que raras vezes observei em selvagens no Brazil.

Tinha chegado a noite e si eu não quizesse dormir no chão, precisava pedir que me cedessem uma das rêdes na cabana, mas notei que os velhos estavam com pouca vontade de dar-me uma

das suas. Finalmente uma india moça tirou-me do embaraço, cedendo-me a sua, cuja fineza retribui com alguns anzóes. Pouco depois o meu joven companheiro *Coropó* estava tambem deitado, roncando numa outra rêde, cedida pela irmã da minha bemfeitora. Assim mesmo fiquei meditando si era prudente entregar-me ao somno que imperiosamente me invadia. O que valia, porém, ficar eu accordado si os indios tivessem deliberado eliminar-me? Minha polvora estava acabada, apenas tinha para 3 tiros e esta mesma estava estragada pela chuva. Adormeci, pois, mas duvidas e receios acordaram-me repetidas vezes durante a noite. Fiz então a observação de que o somno dos indios é desigual e interrompido porque os vi varias vezes pôr lenha no fogo durante a noite e, ás duas horas da madrugada, alguns se levantaram para assar milho.

Na manhan seguinte, ao raiar do dia, deixámos esta gente simples, depois de tel-a presenteado com algumas agulhas e anzóes. Teriamos caminhado cerca de meia legua quando um dos indios da cabana, onde tinhamos pernoitado, nos alcançou, todo arquejando, e entregou-me umas folhas de papel que tinha usado para prensar plantas e que ficaram esquecidas num canto. Por essa e outras acções identicas, ganharam os indios a minha estima.

Muitas outras, não menos interessantes aventuras, passei durante as minhas visitas aos outros *Coroados*, porém seria prolixo contar tudo, pelo que prefiro expôr alguns resultados das minhas observações.

A tribu dos *Coroados*, como já foi dito, é a mais numerosa e conta cerca de 2.000 almas. E' bem notavel o facto que o numero de mulheres é igual ao de homens, segundo uma estatistica official, facto este que não justifica a polygamia entre elles.

Os *Coroados* são muito guerreiros e temidos pelos visinhos, os *Puris*, com os quaes vivem em constantes brigas e, apesar de não serem antropophagos ha, todavia, um costume tendente a isso. Quando matam algum inimigo, de ordinario um *Puri*, levam consigo para a cabana um braço do cadaver, como uma especie de trophéu da victoria. Chegados em casa arranjam uma festa na qual se regalam com a bebida predilecta que fabricam fermentando o milho e que é servida em grandes potes de barro, cujo fundo pontudo está enterrado no chão. Neste pote collocam o braço do inimigo morto e cada um, por sua vez, tira-a de vez em quando do pote para chupar a extremidade cortada.

Taes costumes barbaros provam o gráu baixo da civilização desta gente, aliás tão bôa. Como entre quasi todas as tribus, reina entre elles ainda o costume de se vingarem cada vez que algum membro da sua familia foi assassinado e, como o assassino quasi nunca é entregue pelos seus, matam, logo que pôdem, qualquer outro da familia do assassino, uma mulher pelo marido, uma irmã pelo irmão, um filho pelo pae e assim sempre o inno-